

TERAPIA DE CASAL PARA CASAIS INTERCULTURAIS: INSIGHTS DE UMA REVISÃO DA LITERATURA

Amanda Simões Baptista

Resumo: Este trabalho apresenta uma revisão sistemática com síntese narrativa sobre a aplicação de terapias de casal em contextos de casais interculturais. Foram analisados nove artigos que abordaram diferentes modelos teóricos e clínicos - desde a terapia narrativa e psicodinâmica até a Terapia Comportamental Integrativa de Casal (IBCT). Os resultados apontados por toda a amostra examinada indicam que os casais interculturais enfrentam desafios específicos ligados à construção de identidade relacional, à comunicação (linguística e emocional) e às diferenças de valores e papéis de gênero. As intervenções terapêuticas mostram-se eficazes ao promover regulação emocional, externalização de conflitos culturais e negociação de significados compartilhados. Contudo, trata-se de um campo ainda incipiente, no qual predominam estudos qualitativos e relatos de caso, evidenciando que a terapia de casal para casais interculturais carece de investigações mais objetivas, e do desenvolvimento de metodologias mais padronizadas para se consolidarem.

Palavras-chave: Terapia de casal; casais interculturais; revisão de literatura; revisão narrativa

1. INTRODUÇÃO

A temática de relacionamentos amorosos aparece sempre como uma das centrais e inerentes à condição humana, seja na mídia e na cultura, seja na prática clínica e científica (Sorokowski, et al., 2021; Dalgalarondo, 2018; Illouz, 1997; Sardinha & Féres-Carneiro, 2019). O termo “problemas do casal” não define um transtorno clínico em nenhum dos manuais diagnósticos atuais - tanto na Classificação Internacional de Doenças, 11 edição, quanto no DSM-5TR (American Psychiatric Association [APA], 2022) -, mas são incluídos na categoria de fatores de risco.

Ainda que não haja uma classificação diagnóstica específica para esses desafios, as dificuldades e conflitos conjugais apresentam impacto psíquico, físico e em toda a estrutura familiar, além de poder desencadear e/ou agravar outras situações comórbidas e latentes, como a ansiedade e a depressão (Christensen et al., 2023; Beach et al., 2006).

Além disso, os filhos de um casal com problemas conjugais podem também desenvolver transtornos a partir da repercussão dessas dinâmicas quando não resolvidas (Christensen et al., 2023; Shelton & Harold, 2008). Isso porque a funcionalidade ou não de relações parentais reverberam sobre todos os membros do sistema familiar, interação discutida na literatura desde 1980 (Hameister, Barbosa, & Wagner, 2015), com destaque para a hipótese explicativa denominada *spillover* e definida como um fenômeno de transbordamento emocional entre os domínios da conjugalidade e da parentalidade (Erel & Burman, 1995).

Mesmo com a possibilidade dos impactos supracitados, no entanto, a temática do amor romântico e a tentativa de seu entendimento científico está presente desde modelos teóricos que remetem, inclusive, aos modelos de amores gregos da antiguidade clássica, e que costumam admitir a divisão do amor em facetas específicas e por tipos distintos entre si, chamando-os por “Eros”, “Ágape”, “Storge” (Skinner, 1989), “Pragma”, “Ludus” e “Mania”, classificando-os conforme a apresentação e a direção do amor (Sorokowski, et al., 2021). O amor romântico nos relacionamentos apresenta componentes, ao longo de muitas culturas e tempos históricos, que formam certa unidade conceitual e de comportamentos que o indiquem - é muitas vezes definido por construtos como paixão, intimidade e comprometimento (Yurtaeva & Charura, 2024; Sorokowski, et al., 2021).

Skinner (2011) afirma que “[...] o autoconhecimento tem origem social. Somente quando o mundo privado de uma pessoa se torna importante para outros é que se faz importante para ela mesma”. Assim, a forma como o indivíduo se percebe e, consequentemente, se relaciona, está diretamente associada ao tecido social ao qual está

inserido. Mesmo com as múltiplas particularidades as quais parecem definir o comportamento sob a nomenclatura “amor”, sua expressão varia e pode se dar de acordo com as singularidades dos indivíduos envolvidos e a cultura a qual pertencem (Waldman & Rubalcava, 2005; Yurtaeva & Charura, 2024; Sorokowski et al., 2021). Dessa forma, ao compreender o amor como um conjunto de comportamentos aprendidos e mantidos por contingências culturais e interpessoais, torna-se possível analisar as formas distintas de expressão afetiva que emergem em diferentes contextos socioculturais, sem perder o rigor científico da análise comportamental.

Sob a perspectiva analítico-comportamental, é possível compreender o amor sem recorrer a explicações metafísicas ou essencialistas, mas enquanto um fenômeno comportamental que pode ser observado, descrito e analisado cientificamente. Para Skinner (2003), o amor consiste em um conjunto de comportamentos que produzem reforçamento positivo para o outro e que são mantidos pelo efeito que exercem sobre o comportamento da pessoa amada. Em outras palavras, o amor não é uma entidade interna ou um estado emocional isolado, mas um padrão de interações recíprocas que se sustenta pelas contingências de reforçamento estabelecidas entre os parceiros.

Ainda, outros comportamentos próprios de cada sujeito envolvido; seus determinantes históricos, sociais e familiares podem influenciar decisivamente nas relações e nos modos de ser em um relacionamento romântico (Sardinha & Féres-Carneiro, 2019; Seshadri & Knudson-Martin, 2012). Assim, a dinâmica relacional, que envolve tópicos como a satisfação conjugal, a manutenção de relacionamentos e a presença maior ou menor de conflitos é influenciada não só pelos aspectos típicos da cultura, mas também pela ontogenia de cada sujeito (Sardinha & Féres-Carneiro, 2019; Waldman & Rubalcava, 2005; Yurtaeva & Charura, 2024; Sorokowski et al., 2021; Christensen et al., 2023; APA, 2022; Dalgalarondo, 2018). Nesse sentido, é necessária a compreensão do que seria uma parceria e conjugalidade interculturais.

A definição de casal intercultural foi, ao longo dos anos, estabelecida de diferentes modos, porém a maior ênfase destinava-se a diferenças relativas à “raça” ou à etnia - o que passou a ser uma crítica na área por parte dos pesquisadores e teóricos (Kalai & Eldridge, 2021; Yurtaeva & Charura, 2024; Sullivan & Cottone, 2006). Waldman e Rubalcava (2005), por exemplo, comentam uma definição de 1990 (Ho, 1990) cujo foco se dá apenas nesses aspectos e as somando às diferenças religiosas, quase como se houvesse uma equivalência entre “intercultural” e “interracial” (Sullivan & Cottone, 2006; Yurtaeva & Charura, 2024). No entanto, uma concepção menos estereotipada e mais holística, a qual enfatiza diferentes

aspectos como história de aprendizagem, crenças, padrões de costume, etc., tem sido adotada mundialmente na contemporaneidade científica.

Assim, define-se cultura como uma matriz de significado e sentido apreendido através do processo de aprendizagem de crenças, valores, normas, símbolos, costumes, comportamentos e artefatos que integrantes de um grupo compartilham e se identificam, conhecendo a si, aos outros e ao mundo por meio de tais narrativas historicamente transmitidas pelas gerações (Gudykunst, 1994; Hall, 1976; Samovar & Porter, 1995; Triandis, 1994; Brislin, 1993; Ting-Toomey, 1999). Tem-se, então, um esclarecimento do que se constitui um casal intercultural, isto é, uma configuração romântica entre pessoas as quais se reconhecem, em pertença, a origens nacionais, étnicas, religiosas, linguísticas e/ou raciais distintas (Fonseca et al., 2020; 2021; Yurtaeva & Charura, 2024; Kalai & Eldridge, 2021).

A conjugalidade intercultural aprofundam ainda mais a gravidade e a potencialidade dos “problemas do casal”, uma vez que essa configuração ainda está submetida a estigmas sociais, preconceitos e mesmo à necessidade de interadaptação a diferentes costumes e práticas (Seshadri & Knudson-Martin, 2012; Frame, 2003; Christensen et al., 2023). Segundo Yu (2017), foi apenas nos anos 1967, por exemplo, que a Suprema Corte Americana reconheceu como inconstitucionais as leis que proibiam o casamento entre pessoas de diferentes raças. A importância da temática de casais interculturais cresce quando dados mostram que, ao redor de múltiplos países, há significativo aumento das relações e casamentos interculturais nas últimas décadas (Isfahani et al., 2017; Yu, 2017; Kalai & Eldridge, 2021; Bacigalupe, 2003).

A própria globalização e a presença da internet dão espaço para que mais relacionamentos interculturais sejam estabelecidos e a necessidade de acompanhamento terapêutico em casais dessa configuração avance (Lam, 2016). Ademais, mesmo que um casal em processo de terapia não se defina desse modo, todo *setting* terapêutico pode ser interpretado como um encontro intercultural (Bacigalupe, 2014). Skinner (2003), nesse sentido, propõe que a sociedade é composta por diversas agências de controle, isto é, contextos que moldam o comportamento humano por meio de contingências sociais — como a família, a religião, a escola, o Estado e a própria ciência. Essas agências exercem poder ao reforçar comportamentos considerados adequados e punir aqueles que se desviam das normas culturais. Assim, a psicoterapia também é compreendida por Skinner como uma agência de controle, pois o terapeuta estabelece novas contingências que visam substituir padrões comportamentais disfuncionais por outros mais adaptativos.

Embora a cultura constitua um dos três pilares da prática baseada em evidências, um

dos assunto mais comentados no cenário internacional da Psicologia (Leonardi & Meyer, 2015), são necessários estudos que descrevam como abordagens de terapia de casal podem se adequar às demandas originárias de diferenças culturais (Kalai & Eldridge, 2021), além de estudos empíricos, ausentes no atual panorama de pesquisa, para embasar a conceituação dos casos e planos de tratamento (Sullivan & Cottone, 2006). Nesse sentido, a presente investigação objetiva categorizar como a terapia de casal tem sido aplicada para casais interculturais. O procedimento consistiu em uma revisão sistemática da literatura acompanhada de síntese narrativa.

2. MÉTODO

Trata-se de uma revisão sistemática da literatura acompanhada de síntese narrativa de dados, de modo a permitir maior abrangência de informações. Também, dadas as poucas pesquisas existentes sobre terapia de casal para casais interculturais, a integração e suas descrições narrativas foram adotadas de modo cabível, justamente para possibilitar compreender as nuances, diferenças e aproximações das diversas práticas de terapia existentes até então. O acrônimo PEO (População; Exposição e Desfecho) (Booth et al., 2019) foi utilizado a fim de responder a seguinte pergunta de pesquisa: “Quais são as repercussões das diferentes terapias de casal para casais interculturais?”.

Para a condução e relato do estudo, foram utilizadas as prerrogativas do PRISMA - Principais Itens para Relatar Revisões Sistemáticas e Meta-análises - (Page et al., 2022). Os descritores foram consultados na BVS-PSI. A estratégia de busca utilizada consistiu em agrupar, em inglês e português, os seguintes termos e operadores booleanos: (*"Intercultural couple**" OR *"Interethnic couple**" OR *"Binational couple**" OR *"Mixed couple**" OR *"Intercultural marriage"* OR *"Mixed marriage"* OR *"Cross-cultural couple**" OR *"Cross-national couple**") AND (*"Couples therapy"*); (*"Casal intercultural"* OR *"Casal interétnico"* OR *"Casal binacional"* OR *"Casal misto"* OR *"Casamento intercultural"* OR *"Casamento misto"* OR *"Casal transcultural"* OR *"Casal transnacional"*) AND (*"Terapia de casal"* OR *"Terapia conjugal"* OR *"Aconselhamento de casal"* OR *"Psicoterapia de casal"* OR *"Psicoterapia conjugal"* OR *"Intervenção com casais"* OR *"Intervenção conjugal"*).

A estratégia foi aplicada em plataformas de revisão de literatura com IA generativa baseada em modelos de linguagem de grande porte (LLMs) - SCISPACE e LITMAPS - as quais consultaram e filtraram na PubMED e no Google Acadêmico. Também foi feita uma segunda busca apenas informando à LITMAPS que se gostaria da pesquisa com a intersecção temática descrita e deixando que elas operassem de modo geral, para além dos booleanos informados.

Inicialmente, a partir de revisão nas bases de dados, as abordagens específicas para casal baseadas em evidências - especialmente a IBCT - encontrou-se praticamente nenhum estudo com tal recorte e, para tal, optou-se pela não delimitação. Assim, para expandir e avaliar como a terapia de casal, em geral, tem sido utilizada para o público intercultural é que se deu preferência para a terminologia geral de “Couples therapy”. Em português, esses termos foram ampliados pelo fato dos autores terem conhecimento de outras nomenclaturas

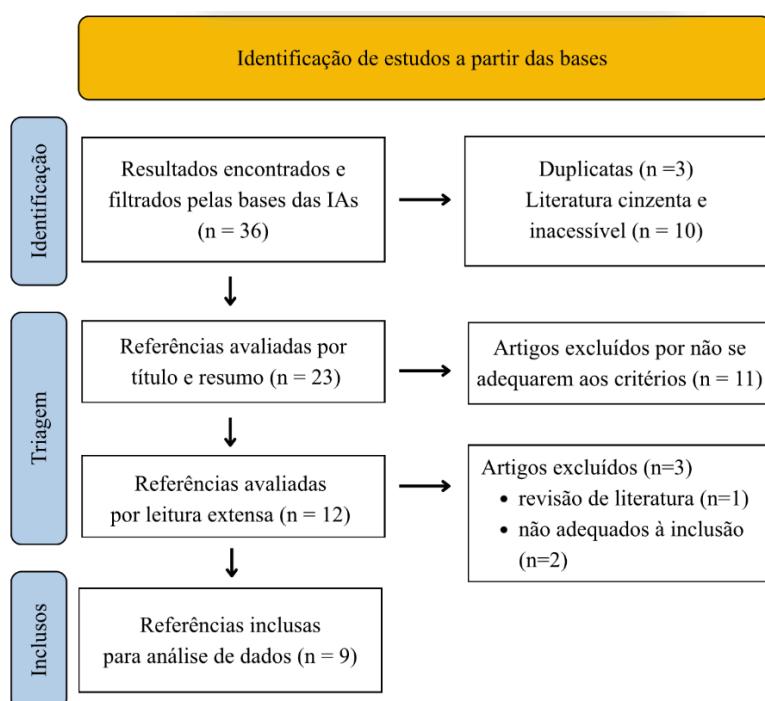
usadas. Também, dada a escassez de estudos em datas recentes, foram incluídos estudos de quaisquer anos.

Os critérios de inclusão foram: artigos, de todas as datas disponíveis - dado que, com recorte temporal, não havia quase nenhum atual - em inglês e/ou português, que abordassem diretamente a interseção entre terapias de casal e casais interculturais, independentemente de qualquer metodologia específica. Os critérios de exclusão, por sua vez, consistiram em artigos de outros idiomas; literatura cinzenta (livros, capítulos de livros, teses e dissertações, editoriais, apresentações de trabalho e seus resumos, etc.); artigos indisponíveis e também os materiais que apenas discorreram sobre terapia de casal ou interculturalidade em casais sem a interseção própria entre ambos os temas.

Vale destacar que, na SciSPACE, os resultados já são automaticamente filtrados e, a partir disso, a descrição a seguir segue a partir das análises prévias. Foram encontrados, ao todo, 36 materiais. Nas duas bases, três repetições ocorreram e, após a eliminação das duplicatas, procedeu-se à identificação de literatura cinzenta e restaram 23 artigos. Em seguida, foi feita a leitura dos resumos para identificar aqueles que tratassesem especificamente da interseção descrita e 12 passaram para a fase seguinte. No fim, nove artigos se adequaram completamente aos critérios e foi feita leitura extensa dos artigos selecionados para posterior análise e síntese de dados. As etapas podem ser consultadas no fluxograma abaixo, conforme as especificações do PRISMA.

Figura 1

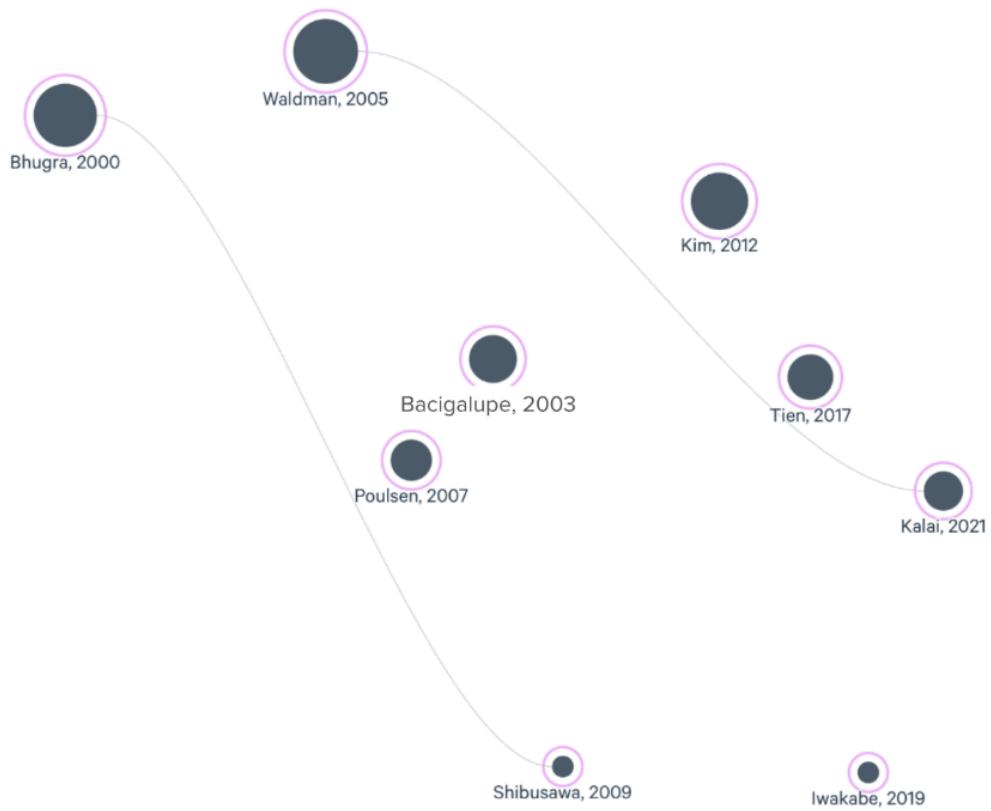
Fluxograma da seleção e filtragem



Para maior organização, síntese e análise, os materiais incluídos e usados na síntese narrativa foram analisados com o emprego do software LITMAPS e foram cruzados de maneira gráfica, como visto a seguir, a fim de panoramizar a área e os estudos que citam uns aos outros. Os pontos relativos a cada referência variam de tamanho de acordo com a quantidade de citações que receberam; o eixo horizontal representa o passar dos anos e o vertical representa a quantidade de citações.

Figura 2

Grafo de cruzamento das referências



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos nove artigos selecionados, que foram analisadas ao longo da pesquisa, têm-se os achados obtidos de forma sintetizada abaixo (Tabela 1):

Tabela 1

Resumo dos artigos inclusos

Autores	Ano	Metodologia	Resumo
Dinesh Bhugra e Padmal de Silva	2000	Artigo teórico conceitual	Questões e problemas de cultura e terapia, especificamente em relação à terapia de casal, bem como seus problemas adicionais e desafios enfrentados por terapeutas de casal
Ken Waldman e Luis Rubalcava	2003	Artigo teórico conceitual	Propõem uma metodologia para trabalhar com casais interculturais usando abordagem psicodinâmica como perspectiva teórica. São analisados o papel da cultura na construção da subjetividade do indivíduo a partir de dois estudos de caso.
Gonzalo Bacigalupe	2003	Artigo teórico conceitual	Explora diversas abordagens epistemológicas e clínicas que incluem estruturas interculturais para terapia relacional.
Shrati S. Poulsen e Volker Thomas	2007	Artigo teórico conceitual	Análise de aspectos da cultura, incluindo raça e etnia, gênero, classe social e orientação

sexual, e seus impactos na terapia de casal.

Judith Kellner	2009	Artigo teórico conceitual e relato de caso	O artigo analisa a perspectiva de gênero em casais interculturais, considerando diferenças culturais (coletivista vs. individualista), expressividade emocional, autonomia, papéis de gênero e sexualidade. Apresenta uma estrutura conceitual e exemplos clínicos para mostrar como crenças e papéis de gênero são trabalhados na terapia.
Hyejin Kim, Anne M. Prouty e Patricia N. E. Roberson	2012	Estudo de caso	O artigo descreve o uso da terapia narrativa com casais interculturais, abordando aculturação, pressões sociais e papéis de gênero. Por meio de externalização, reautorização e lembranças terapêuticas, busca-se renovar a identidade conjugal. A metodologia é um estudo de caso com duas intervenções narrativas.
Nai Chieh Tien, Lia Softas-Nall e Julie Barratt	2017	Entrevista e análise de conteúdo fenomenológico	Em consonância com o construtivismo, os autores visam compreender a cultura única de casais multiculturais/multilíngues, e como eles geraram significado

por meio da interação de suas experiências.

Shigeru Iwakabe	2019	Estudo de caso	O artigo descreve o caso de Yoko e Frank, tratado com uma abordagem focada no afeto, que trabalhou sentimentos de vergonha, autorregulação e interação emocional positiva. Conduzido no Japão, o estudo evidencia como casais interculturais enfrentam desafios ligados a papéis de gênero e à pressão social por conformidade cultural.
Caroline Kalai e Kathleen Eldridge	2021	Estudo de caso múltiplo	Experiência de três terapeutas que trabalharam com a abordagem Terapia Comportamental Integrativa de Casais com casais interculturais.

Com base na leitura e análise dos artigos supracitados, identificaram-se três principais pontos de convergência na literatura sobre a temática: (1) a análise das abordagens terapêuticas, (2) a atenção cuidadosa às dinâmicas culturais, sobretudo na terapia de casal, e (3) as dificuldades, bem como as possíveis estratégias de intervenção para casais interculturais. As discussões apontam para uma estrutura de interação baseada na negociação da identidade cultural, mas também revelam desafios significativos de comunicação.

Todos os estudos destacam que casais interculturais precisam lidar com complexos processos de negociação identitária que vão muito além das diferenças culturais superficiais. Os achados centrais evidenciam que casais interculturais enfrentam processos de negociação identitária que vão além de diferenças superficiais, como idioma, culinária ou costumes. O que está em jogo são dimensões mais profundas da identidade, relacionadas a valores,

crenças, modos de se relacionar, papéis de gênero, religião, vínculos familiares e visões de mundo. Nesse sentido, a relação intercultural não se limita à aceitação da cultura do outro, mas exige um trabalho contínuo de reconstrução e co-criação de significados. Trata-se de um processo dinâmico, no qual os parceiros precisam dialogar, adaptar-se e integrar aspectos de ambas as culturas, produzindo uma identidade relacional própria. Assim, estar em um relacionamento intercultural implica lidar com identidades em constante transformação, que ultrapassam a esfera visível das práticas culturais cotidianas e demandam atenção clínica especializada (Waldman e Rubalcava, 2005; Poulsen e Thomas 2007; Bacigalupe 2003).

Bacigalupe (2003) introduz os conceitos de “diferenciação transcultural” e “identidades fluidas”, defendendo que os casais não são entidades fixas, mas passam por transformações interativas. Bhugra & De Silva (2000), por sua vez, destacam a “falta de pertencimento cultural” como um sentimento de marginalidade vivenciado nesses relacionamentos. Já Tien (2017) observou que sete de oito casais relataram a criação de uma cultura de relacionamento “única e excepcional” integrando elementos de ambas as origens. Complementarmente, o estudo de Kim et al. (2012) sugere que os casais caminham em direção à “aculturação mútua”, valorizando e incorporando os valores culturais do parceiro.

Para analisar essas dinâmicas relacionais, as implicações teóricas emergentes apontam para a necessidade de integração de múltiplas perspectivas. A cultura é reconhecida como princípio organizador fundamental, e os modelos de intervenção buscam adaptação cultural, enfatizando processos de construção compartilhada de significados. Essa ênfase na criação cultural ativa aparece com clareza em estudo de caso de terapia narrativa, no qual Anne, fisioterapeuta haitiano-americana, e Stephano, parceiro ítalo-americano, utilizaram conversas externalizantes e de rememoração para desenvolver o que os autores chamaram de “aculturação mútua” (Kim et al., 2012). O enfoque narrativo na autoria de histórias culturais aproxima-se da afirmação de Bacigalupe (2003) de que casais devem superar a avaliação mútua a partir de padrões culturais distintos e criar culturas familiares compartilhadas. Contudo, enquanto Bacigalupe (2003) destaca o papel do terapeuta como “tradutor” cultural, inserido em uma sensibilidade pós-colonial, o estudo da terapia narrativa ressalta a capacidade do próprio casal de externalizar conflitos culturais e reconstruir sua narrativa relacional, sugerindo mecanismos distintos de integração cultural (Kim et al, 2012).

A complexidade da negociação identitária é aprofundada pela abordagem psicodinâmica de Waldman e Rubalcava (2018), que introduzem o conceito de “princípios organizadores culturais” como estruturas fundamentais que moldam percepções, crenças e comportamentos, muitas vezes em níveis inconscientes. Para os autores, indivíduos tendem a

considerar seus valores culturais como verdades universais, o que explica conflitos observados em diversos estudos. Essa perspectiva aprofunda a compreensão de outros trabalhos, especialmente ao caracterizar o casamento intercultural como o “choque de pressupostos culturais inconscientes”. O objetivo é trazer tais influências à consciência, ajudando os casais a co-construírem uma “cultura relacional” distinta, que se conecta, mas vai além, dos processos conscientes de negociação descritos por Tien (2017) e pelos estudos em terapia narrativa (Kim et al, 2012).

A dimensão da linguagem também aparece como aspecto central em diferentes estudos, ainda que sob enfoques diversos. Bacigalupe (2003) ressalta a alternância entre inglês e espanhol como eixo das relações interculturais, capaz tanto de facilitar a intimidade quanto de revelar tensões. Seus relatos clínicos, como o caso de Eloisa e Charles, mostram como a proficiência linguística impacta a intimidade e o compartilhamento de experiências traumáticas. Já Tien (2017) identifica “perdidos na tradução” como um dos quatro temas-chave ligados à linguagem, ao lado da comunicação com familiares, da expressão em segunda língua e do aprendizado de novos idiomas. Assim, a linguagem é entendida não apenas como ferramenta comunicativa, mas também como marcador identitário, facilitador de intimidade e potencial barreira que exige atenção clínica específica. A linguagem emerge como mais do que uma ferramenta de comunicação, é marcador de identidade, facilitadora da intimidade e também um potencial obstáculo. A convergência entre os estudos sugere que o trabalho terapêutico deve abordar tanto os aspectos linguísticos quanto os metalinguísticos da comunicação intercultural, incluindo padrões não verbais, estilos de expressão emocional e processos de construção de significados (Bacigalupe, 2003; Tien, 2017; Waldman e Rubalcava, 2018; Kellner, 2009).

O estudo de caso de Iwakabe (2019), por sua vez, oferece um contraste ao se concentrar menos nas diferenças linguísticas e mais nos padrões de expressão emocional culturalmente moldados. A abordagem integrativa focada nos afetos, aplicada ao casal Yoko e Frank, revelou que, embora ambos percebessem a raiva como o problema central, a terapia expôs sentimentos de vergonha experienciados de maneiras distintas segundo seus contextos culturais. Esse enfoque evidencia que a atenção clínica deve ir além da linguagem, abrangendo também padrões emocionais moldados pela cultura.

Já a IBCT, em estudo de múltiplos casos, mostrou que intervenções baseadas na aceitação são eficazes para casais interculturais, incorporando diferenças culturais ao modelo DEEP (Diferenças, Sensibilidades Emocionais, Estressores Externos e Padrões de Interação), estrutura de formulação de caso da IBCT (Kalai e Eldridge, 2021).

Na IBCT, o processo de aceitação é considerado central para a promoção de mudanças relacionais significativas. Em vez de buscar eliminar as diferenças entre os parceiros, propõe que o casal aprenda a reconhecer e acolher tais diferenças como parte natural da relação, transformando o conflito em uma oportunidade de conexão emocional e empatia. No caso de casais interculturais, esse processo torna-se ainda mais relevante, pois as divergências frequentemente refletem valores, crenças e práticas moldadas por contextos culturais distintos. Como apontam Kalai e Eldridge (2021), a aceitação, ao lado da mudança comportamental, permite que os parceiros reformulem as divergências culturais não como falhas pessoais, mas como expressões legítimas de histórias e aprendizados diversos.

Dessa forma, a IBCT oferece um caminho terapêutico que promove a tolerância, a compreensão e o respeito mútuo, fundamentais para a manutenção de vínculos saudáveis em contextos de diversidade cultural. Esse enfoque contrasta com modalidades que privilegiam negociação e mudança, como as propostas por Bhugra e De Silva (2000), que defendem estratégias educacionais e psicológicas mais ativas.

Em termos metodológicos, há limitações importantes nesses artigos: amostras pequenas que reduzem a generalização, pouca diversidade cultural entre terapeutas (em sua maioria pessoas brancas), baixa representação de combinações culturais específicas e ausência de casais LGBTQIA+ interculturais. Soma-se a isso a carência de grupos de controle, escassez de dados longitudinais, uso limitado de medidas padronizadas e possibilidade de vieses interpretativos em análises qualitativas. Também se observam inconsistências nas definições de “casais interculturais”, variações na operacionalização do sucesso terapêutico, pouco uso de instrumentos validados culturalmente e atenção insuficiente às interseccionalidades de raça, classe, gênero e sexualidade.

Em síntese, a literatura sobre terapia de casais interculturais revela um campo em expansão, com grande potencial clínico, mas também com lacunas relevantes. Contudo, as divergências quanto às orientações teóricas, ao grau de especificidade cultural e ao foco das intervenções indicam a necessidade de avanços conceituais e empíricos. A integração das evidências sugere que a terapia de casais interculturais configura uma subespecialidade própria, que exige competências específicas e abre caminho para novos desenvolvimentos clínicos e pesquisas futuras.

4. CONCLUSÃO

Evidenciou-se, a partir da revisão sistemática com síntese narrativa conduzida, que a terapia de casal delimitada para casais interculturais ainda é um campo de estudo emergente. Os artigos analisados apontaram que as divergências em fatores como língua, valores, religião e contextos envolvem dimensões identitárias, afetivas e de entendimento do casal - o que perpassa o vínculo e demanda atenção clínica ampliada. As abordagens revisadas - que foram desde a psicodinâmica até a IBCT - apontaram que, a partir da sensibilidade ao contexto cultural, houve favorecimento na regulação emocional e na construção de um vínculo conjugal baseado em uma cultura relacional compartilhada.

No entanto, deve-se destacar a expressiva escassez de estudos empíricos, de ensaios clínicos randomizados, de amostras diversificadas, o que limita a generalização das conclusões. Isso também implica na necessidade de mais estudos para que o campo, enquanto uma subespecialidade clínica e como área de pesquisa, seja fortalecido. É necessário, igualmente, que se dedique em estudos longitudinais, a fim de analisar os efeitos a longo prazo de diferentes abordagens. Essas indicações auxiliariam na extensão das evidências e na conclusão segura das aplicações clínicas das intervenções, ampliando uma prática baseada nas evidências padrão-ouro a serem estabelecidas. Também cabe destacar que os artigos incluídos demonstraram esparsidade na área, com poucas citações cruzadas entre eles, além de investigações em anos pregressos terem sido mais comuns do que na atualidade.

Enfim, relacionamentos interculturais, quando buscam psicoterapia, necessitam de compreensão e intervenção baseada no reconhecimento de que a cultura é um elemento estruturante dessa configuração. Assim, a terapia de casal voltada para esses casais se beneficia de práticas culturalmente informadas, capazes de promover o diálogo entre as divergências dos parceiros e de sustentar processos de coautoria relacional. A valorização dessa complexidade não só potencializa os ganhos psicoterapêuticos aos pacientes, mas reafirma o papel ético-político da psicologia na promoção de integração, respeito e vínculos equitativos e conscientes.

5. REFERÊNCIAS

- American Psychiatric Association. (2022). *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (5a ed., texto rev.). American Psychiatric Association.
- Bacigalupe, G. (2003). Intercultural therapy with Latino immigrants and White therapists: A relational approach. *Journal of Systemic Therapies*, 22(2), 10–26. https://doi.org/10.1300/J398v22n02_02
- Barlow, D. H. (2023). (Org.) *Manual clínico dos transtornos psicológicos: Tratamento passo a passo* (6^a ed.). Artmed.
- Beach, S. R. H., Wamboldt, M. Z., Kaslow, N. J., Heyman, R. E., First, M. B., Underwood, L. G., et al. (2006). Relational processes and DSM-V: Neuroscience, assessment, prevention, and treatment. Washington, DC: American Psychiatric Publishing
- Booth, A., Noyes, J., Flemming, K., Moore, G., Tunçalp, Ö., & Shakibazadeh, E. (2019). Formulating questions to explore complex interventions within qualitative evidence synthesis. *BMJ Global Health*, 4(1), 1-7. <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2018-001107>
- Bhugra, D., & De Silva, P. (2000). Couple therapy across cultures. *Sexual and Relationship Therapy*, 15(2), 183–192. <https://doi.org/10.1080/14681990050010763>
- Brislin, R. (1993). *Understanding culture's influence on behavior*. Harcourt Brace Jovanovich.
- Bustamante, R. M., Nelson, J. A., Henriksen, R. C., Jr., & Monakes, S. (2011). Intercultural couples: Coping with culture-related stressors. *The Family Journal*, 19(2), 154–164. <https://doi.org/10.1177/1066480711399723>
- Christensen, A., Doss, B. D., Jacobson, N. S., & Wheeler, J. G. (2023). Problemas do casal. In D. H. Barlow (Org.), *Manual clínico dos transtornos psicológicos: Tratamento passo a passo* (6^a ed., pp. 1478-1534). Artmed.
- Dalgalarrondo, P. (2018). *Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais*. Artmed.
- Erel, O., & Burman, B. (1995). Interrelatedness of marital relations and parent-child relations: a meta-analytic review. *Psychological Bulletin*, 118(1), 108-132.

Fonseca, A. L., Ye, T., Koyama, J., Curran, M., & Butler, E. A. (2020). A theoretical model for understanding relationship functioning in intercultural romantic couples. *Personal Relationships*, 27(4), 760–784.

Fonseca, A. L., Ye, T., Curran, M., Koyama, J., & Butler, E. A. (2021). Cultural similarities and differences in relationship goals in intercultural romantic couples. *Journal of Family Issues*, 42(4), 813–838.

Frame, M. W. (2003). *The challenges of intercultural marriage: Strategies for pastoral care*. *Pastoral Psychology*, 52(3), 219-232.
<https://doi.org/10.1023/B:PASP.0000010024.32499.32>

Gudykunst, W. (1994). *Bridging differences: Effective intergroup communication*. Sage.

Hall, E. T. (1976). *Beyond culture*. Doubleday.

Hameister, B. da R., Barbosa, P. V., & Wagner, A. (2015). Conjugalidade e parentalidade: Uma revisão sistemática do efeito spillover. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 67(2), 140–155.https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672015000200011

Ho, M. K. (1990). *Intermarried couples in therapy*. Charles Thomas Publisher.

Illouz, E. (2000). *Consuming the romantic utopia: Love and the cultural contradictions of capitalism*. University of California Press.

Isfahani, N. N., Bahrami, F., Etemadi, O., & Mohamadi, R. A. (2021) The Effectiveness of Couple Therapy Based on Intercultural Dynamics on Marital Conflict of Couples with Different Culture. *Journal of Family Psychology*, 4, 65-74.
<https://www.sid.ir/en/journal/ViewPaper.aspx?id=593884>

Iwakabe, S. (2019). Working through shame with an intercultural couple in Japan. *Journal of Clinical Psychology*, 75(10), 1825–1837. <https://doi.org/10.1002/jclp.22864>

Kalai, C., & Eldridge, K. (2021). Integrative Behavioral Couple Therapy for intercultural couples: helping couples navigate cultural differences. *Contemporary Family Therapy*, 43(2), 259–275. <https://doi.org/10.1007/s10591-020-09560-8>

- Kellner, J. (2009). Gender perspective in cross-cultural couples. *Clinical Social Work Journal*, 37, 224–229. <https://doi.org/10.1007/s10615-009-0214-4>
- Kim, H., Prouty, A. M., & Roberson, P. N. E. (2012). Narrative Therapy with Intercultural Couples: A Case Study. *Journal of Family Psychotherapy*, 33(4), 273–286. <https://doi.org/10.1080/08975353.2012.735591>
- Lam, C. (2016). *Love across the cultural divide: Practicing intercultural couple counselling* [Tese de mestrado]. National University System Repository. <http://hdl.handle.net/20.500.11803/20>
- Leonardi, J. L., & Meyer, S. B. (2015). Prática baseada em evidências em psicologia e a história da busca pelas provas empíricas da eficácia das psicoterapias. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 35(4), 1139–1156. <https://doi.org/10.1590/1982-3703001552014>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., McGuinness, L. A., Stewart, L. A., Thomas, J., Tricco, A. C., Welch, V. A., Whiting, P., & Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *BMJ*, 372. <https://doi.org/10.1136/bmj.n160>
- Poulsen, S. S., & Thomas, V. (2007). Cultural issues in couple therapy. *Journal of Feminist Family Therapy*, 18(1), 1–19. https://doi.org/10.1300/J398v06n01_12
- Samovar, L. A., & Porter, R. E. (1995). *Communication between cultures* (2a ed.). Wadsworth.
- Sardinha, L., & Féres-Carneiro, T. (2019). Intervenções Preventivas com Casais: O que Podemos Aprender com a Experiência Internacional? *Psicologia: Teoria e Prática*, 35, 1-12. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e35nspe11>
- Seshadri, G., & Knudson-Martin, C. (2012). How couples manage interracial and intercultural differences: implications for clinical practice. *Journal of Marital and Family Therapy*, 39(1), 1-16. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2011.00262.x>

- Shelton, K. H., & Harold, G. T. (2008). Interparental conflict, negative parenting, and children's adjustment: Bridging links between parents' depression and children's psychological distress. *Journal of Family Psychology*, 22, 712–724.
- Skinner, B. F. (1989). *Recent issues in the analysis of behavior*. Merrill Publishing Company.
- Skinner, B. F. (2011). *Sobre o behaviorismo*. Cultrix.
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, Trads.). Martins Fontes.
- Sorokowski, P. (2021). Universality of the Triangular Theory of Love: Adaptation of Sternberg's Triangular Love Scale in 20 Countries. *Journal of Social and Personal Relationships*, 37(2), 503–522. <https://doi.org/10.1080/00224499.2020.1787318>
- Sullivan, C., & Cottone, R. R. (2006). Culturally Based Couple Therapy and Intercultural Relationships: A Review of the Literature. *The Family Journal*, 14(4), 400–406. <https://doi.org/10.1177/1066480706287278>
- Tadros, E., Fye, J. M., McCrone, C. L., & Finney, N. (2018). Incorporating Multicultural Couple and Family Therapy Into Incarcerated Settings. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, 63(4), 641-658. <https://doi.org/10.1177/0306624X18823442>
- Tien, N. C., Softas-Nall, L., & Barritt, J. (2017). Intercultural/multilingual couples: Implications for counseling. *The Family Journal*, 25(2), 156–163. <https://doi.org/10.1177/1066480717697680>
- Ting-Toomey, S. (1999). *Communicating across cultures*. Guilford.
- Triandis, H. (1994). *Culture and social behavior*. McGraw-Hill.
- Waldman, K., & Rubalcava, L. (2005). Psychotherapy with intercultural couples: a contemporary psychodynamic approach. *American Journal of Psychotherapy*, 59(3), 227-245. DOI: 10.1176/appi.psychotherapy.2005.59.3.227
- Yu, F. (2017). Counseling intercultural couples with Asian ethnicity origins. *Journal of Marital and Family Therapy*, 43(4), 564–577. <https://doi.org/10.1177/1066480717702859>

Yurtaeva, E., & D. Charura. (2024). Comprehensive scoping review of research on intercultural love and romantic relationships. *Journal of Social and Personal Relationships*, 41(6), 1654-1676. <https://doi.org/10.1177/02654075241228791>